

EXPEDIENTE

Chega 2022! Finalmente estamos retornando as nossas atividades rotineiras de modo presencial! Que alegria celebrar com vocês este momento! Gratidão imensa! O ano já inicia com uma motivação muito particular de cada um de nós, de celebrar a vida Vacinados, obviamente! Isso quer dizer que se a pandemia trouxe frieza e desilusão ao nosso cotidiano, chegou a hora de tomar coragem, encarar o medo e seguir em frente no enfrentamento dos desafios a que seremos submetidos no campo socioprofissional. Estes enfrentamentos incorporam, também, as adversidades peculiares dos anos de eleições em nosso Brasil. Mais uma vez que estamos sendo chamados para manter ou transformação do nosso país. Portanto, votar é uma decisão de muita responsabilidade. Neste sentido, a EPEduc deseja a cada leitor e cada leitora firmeza e determinação em sua capacidade intelectual e política, caso tenha vontade de modificar realidades que já não lhe fazem bem e caminham para o sepultamento de nossa democracia. Neste aspecto, vale lembrar do nosso desejo de pesquisadores e pesquisadoras, de realidades que possam oferecer um cenário de melhor qualidade à educação e mais investimentos no campo científico para que os sonhos arrefecidos de mais fomento para a pesquisas possa se concretizarem! E, é nesta euforia que a EPEduc lança o seu número 1, o volume 5, referente ao quadriênio de janeiro a abril de 2022, ressaltando que o medo é necessário para nossa sobrevivência. É ele que nos possibilita atacar ou correr em situações de ataque à vida ou nossa homeostase. Portanto, a energia que ele provoca nos mantém vivos e, por esta razão, dele necessitamos. Isso quer dizer que superá-lo nos move na dinâmica vital, é imprescindível para o êxito diante das vicissitudes cotidianas. Então para refletirmos um pouco mais sobre esta temática, de forma lírica, ofereço um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade que versa sobre o medo, admitindo que do ponto de vista do senso comum o medo parece ser sentimento de covardes e, no entanto, é sentimento de corajosos, daqueles que o utilizam racionalmente para ser feliz.

MEDO**Carlos Drummond de Andrade**

Em verdade temos medo.
Nascemos escuro.
As existências são poucas:
Carteiro, ditador, soldado.
Nosso destino, incompleto.
E fomos educados para o medo.

Cheiramos flores de medo.
Vestimos panos de medo.
De medo, vermelhos rios
vadeamos.
Somos apenas uns homens
e a natureza traiu-nos.

Há as árvores, as fábricas,
Doenças galopantes, fomes.
Refugiamo-nos no amor,
este célebre sentimento,
e o amor faltou: chovia,
ventava, fazia frio em São Paulo.
Fazia frio em São Paulo...
Nevava.

O medo, com sua capa,
nos dissimula e nos berça.
Fiquei com medo de ti,
meu companheiro moreno,
De nós, de vós: e de tudo.
Estou com medo da honra.
Assim nos criam burgueses,
Nosso caminho: traçado.

Por que morrer em conjunto?
E se todos nós vivêssemos?
ruas só de medo e calma.

Fonte:
<https://mscamp.wordpress.com/2009/03/24/me-do-carlos-drummond-de-andrade/>

E com asas de prudência,
com resplendores covardes,
atingiremos o cimo
de nossa cauta subida.

O medo, com sua física,
tanto produz: carcereiros,
edifícios, escritores,
este poema; outras vidas.
Tenhamos o maior pavor,
Os mais velhos compreendem.

Vem, harmonia do medo,
vem, ó terror das estradas,
susto na noite, receio
de águas poluídas. Muletas
do homem só. Ajudai-nos,
lentos poderes do láudano.

Até a canção medrosa
se parte, se transe e cala-se.
Faremos casas de medo,
duros tijolos de medo,
medrosos caules, repuxos,
O medo cristalizou-os.

Estátuas sábias, adeus.
Adeus: vamos para a frente,
recuando de olhos acesos.
Nossos filhos tão felizes...
Fiéis herdeiros do medo,
eles povoam a cidade.
Depois da cidade, o mundo.
Depois do mundo, as estrelas,
dançando o baile do medo.

Antonia Dalva França-Carvalho
Editora